

NIETZSCHE: O NIILISMO E A CONSUMAÇÃO DA MODERNIDADE*

Clademir Araldi

Universidade Federal de Pelotas

O niilismo, na Europa “moderna” de Nietzsche, pode ser visto como um processo de dissolução, que se desencadeia sob o signo de uma ambiguidade inquietante. A autodestruição dos valores morais ocasiona uma despontuação do valor do homem, tal como foi moralmente estabelecido. Não ocorre uma consumação da modernidade no sentido de acabamento de um processo que chega a seu fim, à sua máxima perfeição. Os movimentos modernos que se consomem em seus próprios antagonismos são as características próprias desse tempo. Há, no entanto, um contramovimento, por parte de espíritos livres, os “mais modernos entre os modernos”, comedidos ao extremo na posição de valores, desconfiados de que a existência e seus males não tenham um sentido. Eles deveriam ser fortes o bastante para ir ao outro extremo do niilismo, no perigoso limite a partir do qual poder-se-iam antever novas formas de criação. O filósofo solitário Nietzsche é também filho de seu tempo, experimenta uma mistura anárquica de instintos e de avaliações conflitivas. Com a consciência dilacerada de seu próprio tempo, ele tenta ir além dele.

I

Nas críticas de Nietzsche à modernidade destacam-se os aspectos doentios, resultantes da moral cristã. O moderno (*das Moderne*) é “a autocontradição fisiológica” (CI, *Incursoes de um extemporâneo*, 41)¹, é doentio, pela contaminação dos valores da moral do rebanho, especialmente pela compaixão (cf. AC 7). Entretanto, sobressai a

* Palestra proferida em 28 de novembro de 2011, na VIII Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS.

¹ Serão usadas as seguintes abreviaturas para citar as obras de Nietzsche: A (*Aurora*), GC (*A gaia ciência*), BM (*Além do bem e do mal*), GM (*Genealogia da moral*), CI (*Crepúsculo dos ídolos*), AC (*O Anticristo*), CW (*O caso Wagner*), EH (*Ecce homo*) e FP, para os fragmentos póstumos por nós traduzidos da *Kritische Studienausgabe* (KSA).

consideração de que o moderno é ambíguo. Os românticos, como o típico moderno decadente Wagner, movimentam-se ao extremo do declínio. Mas há indícios de que outros tipos poderão medrar, no sentido da elevação. O espírito livre moderno (*der moderne Freigeist*), nasceu da luta contra sua época. Com a radicalização da luta contra as ameaças externas e contra as tendências internas de fragmentação, ele passa a assumir (desde a época de *Assim falou Zaratustra*) a postura que a vontade de poder é o impulso básico que se manifesta de modo plural, numa dinâmica infundável de relações de forças. A nova configuração do espírito livre (*der freie Geist*) em *Para além de bem e mal* permite ao filósofo solitário fornecer um antídoto ao maior perigo do homem moderno: o extremo esgotamento moral do valor no niilismo. O “novo Iluminismo” (*die neue Aufklärung*) dos espíritos livres é uma tentativa considerável de contraposição ao obscurecimento moderno (*die moderne Verdüsterung*).

Nessa perspectiva apontada, a modernidade é o momento decisivo do transcurso niilista, pois nela o niilismo apresenta suas formas mais acabadas, na moral, na política, na economia, por fim, em todas as esferas valorativas do mundo moderno. É uma época de crise e de ruína da interpretação moral do mundo². A “inquietação moderna” expressa-se no excesso de energia dispendido no trabalho e na práxis científica. Essa expressão difusa e volátil da mobilidade, na experiência radical de aceleração do acontecer externo e interno é ambígua.

A modernidade (*die Modernität*) é, por um lado, a época de declínio do poder e da disciplina do espírito. O homem moderno (*der moderne Mensch*) é marcado por uma “irritabilidade doentia”, por um caos de instintos e paixões que não estão mais ordenados hierarquicamente³. As tendências de desagregação se instalam nas formações de poder modernas, de modo a enfraquecer os homens, que se debatem entre estimativas de valor opostas. Como características da modernidade são ressaltadas: “o desenvolvimento superabundante das formações intermediárias, a atrofia dos tipos, a ruptura com as tradições (...), o predomínio dos instintos” (KSA 12, FP 9(168) – inverno de 1887). Da

² Heidegger entende que a época moderna (*die Neuzeit*) é a época da completude da História ocidental, na qual o homem se coloca no centro do mundo dos entes, levando a cabo a total coisificação do existente. Nessa história do esquecimento do Ser, Nietzsche seria o ápice da sublevação da subjetividade. A figura do além-do-homem (*der Übermensch*) desdobra a vontade de poder de modo incondicional e ilimitado. É um esforço para superar o vazio de sentido do mundo moderno. Ao enfatizar o niilismo enquanto condição psicológica, Heidegger destaca que o sentimento da ausência de valor e o domínio do sem sentido (*die Sinnlosigkeit*) constituem o niilismo como História da desvalorização dos valores superiores, do ser, da unidade e da finalidade. Cf. HEIDEGGER, M. *Nietzsche*. Vol. II. 6. ed. Stuttgart: Verlag Günter Neske, 1998 p. 51-59.

³ Cf. KSA 12, 9(165) – fragmento póstumo do inverno de 1887. Em BM 224, provocativamente, Nietzsche se coloca entre as “almas modernas”, que são “uma espécie de caos”.

perspectiva fisiológica, o autor do *Fragmento de Lenzer-Heide* considera a modernidade “sob o signo da nutrição e da digestão”. Sobrecarregado de impressões, o homem moderno não consegue mais “digerir” os estímulos externos, apenas reagindo a eles. Sobrevem-lhe, então, um cansaço e um peso, conseqüências do “enfraquecimento da força da digestão”. (KSA 12, FP 10(18) – inverno de 1887)

A doença do homem oitocentista das “idéias modernas” (da ciência histórica, da idéia do progresso, da moral altruísta) é tratado pelo autor de *Para além de bem e mal* enquanto autodesprezo e autocompadecimento crescentes, sendo que nenhum disfarce (seja o disfarce de romântico ou clássico, de cristão ou florentino, de barroco ou nacional) consegue encobrir sua feiúra e sua decadência fisiológica⁴.

O filósofo crítico da modernidade afirma, nesse sentido, que “o movimento niilista é somente expressão da *décadence* fisiológica” (KSA 13, FP 17(8)). W. Müller-Lauter investigou com rigor as implicações da fisiologia em Nietzsche. Segundo ele, processos fisiológicos são efetivamente desencadeamentos de forças, lutas por mais poder dos *quanta* de vontade, ou seja, “Fisiologia bem entendida é, pois, doutrina da vontade de poder”⁵. O niilismo seria uma forma singular – e muito complexa – de desencadeamentos fisiológicos de forças. Com apoio na psicologia francesa da segunda metade do séc. XIX, principalmente da obra de P. Bourget, a desagregação dos instintos segundo o filósofo solitário não ocasionaria um mero desmoronamento. A ‘vontade de nada’ (*der Wille ins Nichts*) garantiria uma coesão ao processo niilista, graças ao predomínio de um querer interno. Müller-Lauter, nesse sentido, pondera que com o triunfo da “vontade de nada” sobre os instintos ascendentes da vida (da vontade de poder), tem origem um processo particular de desmoronamento. Nele nem os fortes nem os fracos poderiam impedir o declínio da humanidade. A História do niilismo é o longo processo de autoconsumação do homem moralmente estabelecido, no qual sobressai a fraqueza dos fortes (sua má consciência) e a força dos fracos, que triunfam sobre o modo nobre de valorar. Somente com o predomínio num tempo futuro da vontade ascendente de poder, o niilismo poderia ser superado. Mas esse é um impulso que deve nascer de dentro desse movimento singular, de modo que a autossuperação do niilismo seria também a autossuperação da modernidade⁶.

⁴ Cf. BM 222, 223 e 224. Em *Ecce Homo*, ao comentar a obra *Para além de bem e mal*, Nietzsche afirma que essa obra é, “em todo o essencial, uma crítica da modernidade” (EH, Para além de bem e mal, 2).

⁵ MÜLLER-LAUTER, W. *Nietzsche. Sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*, p. 126.

⁶ Id., *ibid.*, p. 134-140.

Em *O crepúsculo dos ídolos* e póstumos relacionados a essa obra, Nietzsche critica a modernidade como a época em que os homens perderam os instintos que deram origem às instituições. As comunidades aristocráticas de Roma e de Veneza são vistas como expressão de uma vontade de tradição, de responsabilidade inerente aos instintos dos homens fortes. A modernidade, porém, é a “era da *décadence*”, da “primazia do princípio desorganizador”⁷, “uma época de fraqueza” (*CI. Incursões de um extemporâneo*, 38), em que há o decréscimo da força organizadora, da vontade de ser si próprio. Assim sendo, a democracia moderna é uma forma de decadência da força organizadora. O “espírito moderno” do ocidente já não consegue mais construir instituições duradouras: a sociedade arruina-se com suas instituições (como p. ex. o matrimônio) (*id., ibid.*, 39). O “moderno” é, então, autocontradição e autodestruição dos instintos (*id., ibid.*, 41). Não há, segundo o filósofo alemão, a possibilidade de retroceder a uma época mais forte. Se não há involução, o único “progresso” possível é o de avançar passo a passo na *décadence*: “Pode-se pôr obstáculos a este desenvolvimento e, através de obstáculos, estagnar a própria degeneração, concentrá-la, torná-la mais veemente e *repentina*. Mais não se pode fazer” (*id., ibid.*, 43).

Por outro lado, o filósofo solitário pondera que a modernidade apresenta também obstáculos e condições favoráveis. Entre elas estão a saúde e a pureza crescente da vida nas cidades, uma melhor nutrição, o serviço militar obrigatório com guerras efetivas e o domínio da fisiologia sobre a teologia, a moral, a economia e a política (cf. KSA 12, FP 9(165)). O “homem múltiplo” (*der vielfache Mensch*) da época de Nietzsche não ocasiona o fortalecimento do tipo. Como o “caos mais interessante” ele não consegue direcionar todas as forças em relação para uma meta superior. Ele se consome numa profusão de perspectivas. (cf. KSA 12, FP 9(119)) Cabe aos filósofos do futuro a prerrogativa de dedicar-se à perigosa experimentação de radicalizar o niilismo moderno, ao extremo de uma negação determinada por um espírito que quer criar e legislar. Para o filósofo legislador essa forma extrema de criar brota, desse modo, do ímpeto configurador da vontade afirmativa de poder.

Nesse sentido, é preciso retornar ao livro V da *Gaia ciência*, no contexto dos temas e problemas de *Bem e mal*. Ali, o caráter múltiplo, caótico e inquieto do homem moderno aparece num sentido bem determinado. Os “sem-pátria” são múltiplos, miscigenados, como tudo no “homem moderno”; como ‘bons europeus’, não se deterão em nenhuma

⁷ Também em *O caso Wagner*, Nietzsche compreende a modernidade enquanto desagregação e contradição dos instintos. A modernidade, época de vida declinante e de contradição instintiva teria em Wagner um caso exemplar (cf. *CW*, Epílogo).

estreiteza nacionalista ou racial. Sua tarefa está em atuar na herança “de milênios do espírito europeu” (GC V, 377). Eles seriam assim os mais espirituais de sua época. Como atuar no mundo moderno sempre mais sem espírito e sem impulsos hierarquizados? Ainda na época do livro V da GC e na época de BM era muito forte a esperança de contar com companheiros espíritos-livres para essa tarefa. Mas a tarefa de contrapor-se à devastação niilista moderna vai se impondo ao filósofo solitário; o plural se torna singular.

É assim que os espíritos livres modernos caem numa suspeita terrível, de que têm de assumir um dos termos da alternativa que se apresenta. O mundo dos valores da tradição, que davam um sentido à existência contrapõe-se ao mundo “que somos nós próprios”, ou seja, o mundo da dinâmica infundável das vontades de poder. A terrível alternativa, enfim, é: “ou suprimir vossas venerações ou – vós mesmos!” Será de fato um ponto de interrogação, que a supressão de si mesmo seja niilismo? Parece óbvio que se trata de duas formas de niilismo, do niilismo suicida (2º. caso) e do niilismo enquanto estágio final do processo de autodissolução dos valores morais. Não há alternativa afirmativa diante desse dilema niilista.

II

O próprio Nietzsche dá uma resposta mais coerente a essa interrogação no fragmento de Lenzer-Heide⁸. As posições extremas que se alternam no transcurso da modernidade são resultado das forças engendradas pela moral: a necessidade de mentira, de falsificação do mundo do vir-a-ser, e o sentido da veracidade, que desmascara o caráter imoral da moral. É o estimulante para o niilismo. O antagonismo (*der Antagonismus*) agora aponta para um sentido único. Entre *não* mais estimar o que conhecemos e – *não* mais *poder* estimar aquilo de que gostaríamos de nos iludir - determina um “processo de dissolução” (*einen Auflösungsprozess*) (KSA 12, FP 5(71) – 2 Lenzer-Heide Fragment). É insuportável para o próprio homem a desvalorização dos valores morais até então, assim como a ausência de novos valores e perspectivas afirmativas, mesmo que ilusórias. Radicalizar as tendências intrínsecas à modernidade é radicalizar o niilismo, seja ele

⁸ M. Montinari enfatizou a importância do niilismo na obra tardia de Nietzsche. O fragmento de Lenzer-Heide, *O niilismo europeu*, não é apenas um esforço para elaborar a história dos valores morais superiores e da ruína da interpretação moral cristã do mundo. Ele apresenta o niilismo como um ponto culminante do pensamento nietzschiano, em ligação com a vontade de poder e o eterno retorno do mesmo. Cf. MONTINARI, M. *Friedrich Nietzsche. Eine Einführung*. 4. Der späte Nietzsche. Berlin: de Gruyter, 1991, p. 109-112.

passivo ou ativo⁹. Por isso, Nietzsche quer se projetar para fora da moral e da Europa moderna.

A posição para além de bem e mal implica uma libertação *da* Europa, da modernidade, em suma, do império dos juízos de valor moral. A tarefa de superar o tempo moderno em si mesmo, na GC 380, é dirigida ao novo espírito livre, à leveza de sua vontade de conhecimento. Será isso possível aos “mais modernos entre os modernos”?

Não é somente o adoecimento de seu tempo que o primeiro niilista completo da Europa pretende superar, mas também a contradição e o sofrimento que ele experimentou no interior de seu tempo. Somente após ter se colocado de fora da moral e da modernidade ele poderia

“percorrer o círculo inteiro da alma moderna, (...) este é meu orgulho, minha tortura e minha felicidade. *Superar* efetivamente o pessimismo -; um olhar goetheano pleno de amor e de boa vontade como resultado. Minha obra deve conter uma *visão abarcante* sobre nosso século, sobre a *modernidade* inteira (grifo nosso), sobre a ‘civilização’ *atingida*”. (KSA 12, FP 9(177) – outono de 1887)

Nessa perspectiva, são considerados os séculos XVII, XVIII e XIX com base no domínio respectivo de diferentes “sensibilidades”: no séc. XVII predominaria o aristocratismo, enquanto domínio da razão. É o séc. de Descartes, marcado pela soberania da vontade; no séc. XVIII haveria o domínio do sentimento, do romantismo, do altruísmo e do feminismo. Simbolizado por Rousseau, os sentidos são nele soberanos. Por fim, no séc. XIX a animalidade predominaria enquanto domínio dos apetites. Schopenhauer, por confundir vontade com apetites e instintos, acarretaria uma redução do valor da vontade, mais do que isso, um enfraquecimento da força da vontade. Não mais a razão nem o coração, mas o fatalismo de forças obscuras inconscientes (cf. KSA 12, FP 9(178)).

Nietzsche vê como decisivo, no transcurso da modernidade, a manifestação e o desenvolvimento do niilismo: “o resultado total do séc. XIX é um caos, um niilismo” (KSA 12, FP 9(179)). Gradativamente, os homens modernos reconheceriam a impossibilidade de salvaguardar os valores tradicionais, quer seja através da ciência natural

⁹ Desenvolvi as caracterizações do niilismo no pensamento tardio de Nietzsche no cap. 1, “A posição do niilismo na filosofia de Nietzsche” no livro *Niilismo, criação, aniquilamento. Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo/Ijuí: Discurso Editorial/Editora UNIJUÍ, 2004.

ou da história¹⁰. Ao analisar o “problema” do séc. XIX, o filósofo se pergunta se não residiria ali também um aspecto positivo:

“O problema do séc. XIX. (...) A diferença de seus ideais, sua contradição são condições a um objetivo superior, enquanto algo superior? – Poderia, pois, ser nesta medida a determinação prévia para a grandeza crescer em tensão impetuosa. A insatisfação, o niilismo poderia ser um bom sinal.” (KSA 12, FP 9(186) – inverno de 1887)

O antagonismo entre a superficialidade da agitação externa e a profundidade do cansaço e do peso interior impulsiona a tensão niilista para seu extremo. Ela se torna insuportável e exige uma solução. Entretanto, parece-me, somente o filósofo que viveu a radicalidade do niilismo (o primeiro niilista completo da Europa, que teve o niilismo em si, atrás, ao lado, acima de si) poderia propor uma saída criativa dessa crise.

É como um filósofo que realizou o duplo movimento de assumir em si e tomar distância de seu tempo moderno, observando-o extemporaneamente, que Nietzsche compreende a modernidade como o tempo da decadência crescente, do cansaço e do esgotamento, em suma, como desvalorização niilista dos valores morais. Entretanto, além de época de desagregação, a modernidade é compreendida por ele também como a época de experimentação, como uma descomunal “oficina” de experimentação, na qual se instaura a luta contra “o perigo dos perigos”. O niilismo é assumido por ele como um movimento descomunal e decisivo que permeia todos os âmbitos do pensamento e da ação do homem moderno, constituindo o “problema propriamente trágico do nosso mundo moderno” (KSA 12, FP 7(8) – final de 1886–início de 1887). A luta contra o niilismo que decorre da dissolução do mundo dos valores morais dá início à “época trágica da Europa” (KSA 12, FP 5(50) – outono de 1886–verão de 1887). À diferença dos primeiros escritos, nos quais Nietzsche “acreditava” no nascimento (no seio da época moderna) do espírito trágico, enquanto pulsão afirmativa apolíneo-dionisíaca, nos anos 80 é através da radicalização do movimento destrutivo-aniquilador do niilismo que ele vê o nascimento de uma “época trágica”.

A morte de Deus é um evento que concerne decisivamente à modernidade. A dissolução niilista, ou seja, a bancarrota dos valores da tradição, abrem para o sem sentido no mundo moderno, para o caos irrequieto dos impulsos. Sem uma hierarquia estruturante,

¹⁰ Ao reconhecer essa impossibilidade, Nietzsche também se assume como moderno: “Todas as formas e modos de viver, todas as civilizações do passado, outrora duramente justapostas e sobrepostas, desembocam em nós, “almas modernas”, graças a esta mistura (de povos ou raças), os nossos instintos refluem agora em todas as direções, nós próprios somos uma espécie de caos – : o “espírito”, como já disse, acaba por descobrir nisto a sua vantagem” (BM 224).

sem valor superior da verdade (divina), chegamos ao extremo da modernidade decadente, fisiopsicologicamente adoecida. No outro extremo, deveriam chegar os mais fortes. Mas quem são os mais fortes? Nietzsche ensaia várias respostas, que não analisaremos aqui. Apontamos apenas para três tentativas: a) o além-do-homem como sentido da terra e como sentido para a existência humana esvaziada de valores; b) o tipo nobre do futuro e os filósofos do futuro, enquanto os que assumirão a tarefa de criar novos valores e de legislar. Talvez o esforço mais intenso e próximo para incidir nos rumos da modernidade seja c) os mais fortes são os mais comedidos, que não necessitam de artigos de fé extremos. Ricos em saúde, após terem superado obstáculos consideráveis, eles estariam seguros de seu poder, e do poder que o ser humano atingiu. Em contraposição aos fisiologicamente malogrados, eles poderiam reunir condições de ir além do extenuado tempo moderno (KSA 12, FP 5(71), Lenzer-Heide Fragment, 13-15).

Mesmo adotando provisoriamente uma posição fora da modernidade, a existência dos mais fortes, dos espíritos livres e dos filósofos do futuro, transcorre no interior da esfera da modernidade. A esperança de um movimento para fora do niilismo moderno é a esperança de consumação da modernidade. O niilismo completo ou consumado (*der vollkommene Nihilismus*) guia ao extremo da modernidade esvaziada de valores. Mas somente os filósofos ou nobres do futuro poderiam criar e prosperar para além da modernidade niilista. Nietzsche talvez tenha hesitado em afirmar esse futuro criador, à medida que ele está assentado no caráter perspectivista e relativista das interpretações humanas. Enquanto resposta ao niilismo moderno, a filosofia de Nietzsche é um ensaio vigoroso, mas incompleto para engendrar novos modos afirmativos de existência.

Referências bibliográficas

- ARALDI, C. *Niilismo, criação, aniquilamento. Nietzsche e a filosofia dos extremos*. São Paulo/Ijuí: Discurso Editorial/Ed. UNIJUÍ, 2004.
- HEIDEGGER, M. *Nietzsche*. vol. II. 6. ed. Stuttgart: Verlag Günter Neske, 1998.
- MONTINARI, M. *Friedrich Nietzsche. Eine Einführung*. 4. Der späte Nietzsche. Berlin: de Gruyter, 1991.

- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche. Sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. Trad. de Clademir Araldi. São Paulo: Editora UNIFESP, 2011.
- NIETZSCHE, F. W. *A genealogia da moral*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Além do Bem e do Mal. Prelúdio a uma Filosofia do Futuro*; trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. *Aurora*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.
- _____. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- _____. *O Anticristo*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.
- _____. *O caso Wagner*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Ecce homo*. Trad. de Paulo C. de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe (KSA)*. 15 vols. Organizada por Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Berlim: de Gruyter, 1988.